

REFLEXÕES SOBRE A SUSTENTABILIDADE URBANA: NOVO MODELO DE GESTÃO AMBIENTAL DA CIDADE

Marcos Esdras Leite

Doutorando em Geografia na UFU, Bolsista da FAPEMIG
Professor da Universidade Estadual de Montes Claros
marcosesdras@ig.com.br

Iara Soares de França

Mestre em Geografia pela UFU
Professora da Universidade Estadual de Montes Claros
iarasfran@bol.com.br

RESUMO

Este trabalho faz uma reflexão sobre a *necessidade* de mudanças na gestão urbana, tendo em vista, atual crise sócio-ambiental vivenciada nas cidades, notadamente, nas de países pobres. Portanto, o objetivo deste trabalho é mostrar que a gestão urbana sustentável perpassa por uma reformulação das políticas públicas vigentes, agregando a elas novos modelos de pensar a cidade, nas quais a cidade é pensada por uma sociedade e para atender essa sociedade. Sendo assim, a tomada de decisão deixa de ter um poder de troca de favores e passa a atender a sociedade de maneira, sócio-ambientalmente, responsável.

Palavras-chave: cidade, políticas urbanas, gestão, desenvolvimento e pensar.

REFLECTIONS ON THE URBAN SUSTAINABILITY: NEW MODEL OF AMBIENT MANAGEMENT OF THE CITY

This work makes a reflection about the need of changes in the urban administration, tends in view, current partner-environmental crisis lived in the cities, especially, in the one of poor countries. Therefore, the objective of this work is to show that the administration maintainable urban raisin for a transformation of the effective public politics, joining to them new models of thinking the city, in which the city is thought by a society and to assist that society. Being like this, the electric outlet of decision stops having a power of change of favors and he/she starts to assist the way society, partner- environmental, responsible.

Key-Words: city, urban policies, administration, development and to think.

INTRODUÇÃO

As cidades vêm passando ao longo de sua origem por diversas transformações econômicas, políticas, sociais e ambientais. Podendo destacar o grande crescimento populacional urbano verificado a partir do final da Segunda Guerra Mundial e o conseqüente aumento da produção e consumo de recursos naturais, afetando diretamente a qualidade de vida dos cidadãos. Sendo assim, a questão ambiental teve de ser repensada em escala local e global.

Recebido em 18/04/2007
Aprovado para publicação em 31/08/2007

Neste contexto, a sustentabilidade surge como uma intenção para alcançar tal qualidade através de mudanças de valores e atitudes, além da necessidade de implementar políticas públicas. Essa reflexão teórico-metodológica objetivou discutir o conceito de sustentabilidade e suas principais estratégias relacionando-o com a questão ambiental urbana.

Sabe-se que o alcance da sustentabilidade é um processo que depende da consciência ecológica da sociedade, bem como dos governos nas suas representações municipal, estadual e federal. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica pertinente ao assunto, além de leituras e análises da realidade ambiental de alguns municípios e estados, bem como do Brasil e de outros países, o que contribui para uma maior embasamento sobre a temática ambiental-urbana.

O trabalho está estruturado em duas partes: no primeiro momento fez-se uma retrospectiva das principais modificações que passaram as cidades e os seus reflexos para o meio ambiente, enfocando a complexa relação sociedade-natureza. Na segunda parte, apresentou-se a preocupação mundial sobre a questão ambiental e as propostas conceituais de sustentabilidade em suas múltiplas dimensões. Por fim, apresentou-se, ainda, uma análise da sustentabilidade pensada a partir de práticas sustentáveis e não sustentáveis da sociedade.

MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE URBANA

O meio ambiente é o local onde estão a fauna e a flora existente na superfície terrestre. É também, espaço onde vivem os seres humanos que desenvolvem atividades diversas, necessárias à sua sobrevivência. O meio ambiente sofre intervenções distintas do homem, em termos de modos e intensidades. Nesse sentido, ele é entendido como o entorno do homem, o palco de suas ações.

O termo meio ambiente refere-se ao meio natural caracterizado pelos diversos elementos físicos e bióticos. Dessa forma, o ambiente envolve todos os elementos que o cerca, nele se desenvolve toda vida vegetal e animal, e o homem que com o limiar da industrialização e da urbanização vem intensificando cada vez mais sua ação sobre esse meio.

Para Cassetti (1991:11)

“ (...) é através da transformação da primeira natureza em segunda natureza que o homem produz os recursos indispensáveis à sua existência, momento em que se naturaliza incorporando em seu dia a dia os recursos da natureza, ao mesmo tempo em que socializa a natureza”.

A transformação da primeira natureza em segunda significa para o autor a modificação das condições originais ou primitivas do ambiente pelo homem. O processo histórico da ocupação desse espaço, bem como suas transformações em uma determinada época e sociedade, faz com que o meio ambiente tenha um caráter dinâmico.

A exploração dos recursos naturais é parte da história do homem sobre a terra e a evolução dos processos produtivos somados às necessidades criadas pelo homem na modernidade é geradora da degradação da natureza. A possibilidade de inospitalidade à vida humana na biosfera terrestre, decorrente dos processos de degradação ambiental, bem como as desigualdades sócio-econômicas crescentes entre as nações e mesmo entre camadas sociais dentro das nações, apontam como dois dos principais problemas que a humanidade se depara (PÁDUA, 2000; ALTVATER, 1995).

A problemática atual é consequência da forma como a sociedade mundial organiza a produção da sua vida, na medida em que essa organização coloca em xeque a possibilidade de sobrevivência humana no planeta.

A transformação do meio ambiente foi intensificada com a industrialização inglesa em fins do século XVIII. As cidades começaram a receber instalações de indústrias e aumentaram sua população devido à migração das populações do campo para atender a demanda da mão de

obra na urbe.

O século XIX foi marcado pela intensificação do processo de urbanização das cidades e o nascimento das grandes aglomerações urbanas. No século XX, na sua primeira metade, a humanidade experimentou duas grandes guerras mundiais, sendo que, desde então, assistiu-se ao inchamento e a deterioração dos grandes centros urbanos.

Nesse processo, observa-se as cidades se apresentarem como palco importante das transformações do homem. Elas são o resultado do ambiente natural, a primeira natureza, na visão de Caseti (1991:15), alterado artificialmente pelo homem para atender suas necessidades como ser social.

As cidades modernas são marcadas cada vez mais pela maximização de relações entre essas forças, o que implica o afastamento das condições ecológicas naturais do ambiente urbano e que tem reflexos diretos sobre a biosfera e a qualidade de vida. Nesse sentido, quanto maior e mais modernos forem os centros urbanos, mais difícil será a sobrevivência da fauna, da flora e do próprio homem. Nessa perspectiva, as condições ambientais do sistema urbano no momento atual tem sido caracterizadas por temperaturas elevadas, adensamento de edificações, lançamento de gases por veículos automotores e pelas indústrias, lixo, diversos tipos de poluição dentre elas: sonora, do ar, dos solos, das águas; lançamento de esgotos em cursos de águas e morte de fauna e flora urbana.

Há que se registrar, também, efeitos mundiais que sofre o planeta Terra como um todo. A destruição das florestas pela prática intensa de desmatamento, queimadas, a chuva ácida, o buraco na camada de ozônio e o efeito estufa. Tudo isso mostra que o desenvolvimento acelerado, sem controle da qualidade ambiental, compromete seriamente a vida e a saúde dos seres humanos e dos seres vivos em geral.

Dessa forma, o crescimento urbano desordenado tem relação direta com a qualidade ambiental urbana¹ e esta com a qualidade de vida² dos cidadãos, já que “a qualidade ambiental não deve estar restrita à natureza ou ecossistema, pois engloba elementos da atividade humana com reflexos diretos na vida do homem” (BURTON, 1968:473).

O adensamento populacional (com uma intensificação do uso e da ocupação do solo) e a expansão urbana trouxeram consigo profundas alterações ambientais, tais como: a má qualidade da água para abastecimento e a precariedade ou ausência de saneamento básico decorrentes da falta de equipamentos urbanos, como rede de abastecimento de água, rede de esgoto e calçamento. Falta ou ineficácia de serviços públicos, tais como: escolas, creches, posto de saúde e áreas de lazer, também agravam ainda mais o quadro urbano.

Um outro problema ambiental tem sido o desenvolvimento de um clima tipicamente urbano ou “clima próprio das cidades”, com altas temperaturas e baixa umidade relativa do ar. Esse fenômeno tem relação direta com a forma do uso do solo e da ocupação da cidade, causando doenças, tais como: respiratórias, dores de cabeça e mal estar. (TROPPEMAIR, 1985)

No plano social-econômico, as cidades foram bem definidas por Santos (1993:10):

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico de que é o suporte como por

¹ A qualidade ambiental urbana é o predicado do meio urbano que garante a vida dos cidadãos dentre de padrões de qualidade, tanto nos aspectos biológicos (saneamento urbano, qualidade do ar, conforto ambiental, condições habitacionais, condições de trabalho, sistemas de transporte, alimentação, etc), quanto nos aspectos sócio-culturais (percepção ambiental, preservação do patrimônio cultural e natural, recreação, educação, etc.). (Kliass, 2002)

² A qualidade de vida (...), expressa a qualidade ambiental específica ao fator ambiental HOMEM, estabelecendo os requisitos e as condições mínimas que um ecossistema deve oferecer, de natureza física, química, biológica, social, econômica, tecnológica e política, de modo que, na sociedade de que participa, possa realizar as relações ambientais que lhe são inerentes, com vistas a sua manutenção, evolução e autosuperação. (Mazetto, 2000:24)

sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo sócio-econômico vigente, mas também, do modelo espacial.

A urbanização experimentada pela maioria das grandes cidades veio acompanhada do fenômeno da “favelização”, no qual as cidades não conseguiram absorver com infraestrutura adequada o grande contingente populacional que migrou do campo e/ou de outras cidades em direção a elas. Essas pessoas tendem a ocupar as áreas de riscos como pontes, túneis, viadutos, encostas, terrenos de terceiros e propriedades ilegais. Estes fatores têm resultado em cidades precárias e caóticas, apontando para uma problemática econômica, ambiental e social.

A crise pela qual passa a cidade hoje exige do cidadão uma nova relação com o meio. A sensibilização da sociedade pode levar a mudança do paradigma existente (centrado em altos níveis de produção e consumo) que tem resultado numa natureza superexplorada, em degradação sócio-ambiental, na deterioração da qualidade de vida, com efeitos diretos na sustentabilidade das cidades.

A NOVA GESTÃO URBANA E A SUSTENTABILIDADE SÓCIO-AMBIENTAL

A cidade atual é o grande centro de convergência de capital, e pessoas que se deslocam para a área urbana atrás de melhores condições de vida, mas essa migração traz problemas sócio-ambientais gravíssimos para os cidadãos. Os problemas urbanos verificados hoje são, em grande parte, conseqüências da relação campo/cidade, o campo cada vez mais está subordinado a cidade e sofre sérios problemas sociais. Os avanços tecnológicos que tornaram a produtividade agrícola crescente não são acessíveis a todos, provocando a falência dos pequenos produtores que acabam por migrar para a cidade somando aos pequenos produtores temos os sem terras, as vítimas da seca e vários outros que não conseguem se manter na zona rural. Esse processo crescente de saída do campo para a cidade está elevando o índice de urbanização em todo o mundo.

Administrar uma cidade não é uma tarefa simples, pois se trata de um espaço heterogêneo e bastante complexo onde se confrontam interesses. A gestão urbana atual segue, na maioria das vezes os interesses de classes dominantes que usam da condição financeira para chegar ao poder, e a partir daí, as decisões sobre o espaço urbano são convenientes aos seus investimentos. Vários são os exemplos que poderíamos citar de cidades que sofrem problemas ambientais sérios por causa de alguma contrapartida econômica oferecida, é assim no caso das empresas de mineração, de extração vegetal, de coleta de lixo entre outras.

Para se ter uma cidade com certa qualidade de vida para seus moradores é necessário planejar todas as decisões, balancear os interesses econômicos com a preservação ambiental e a questão social. Apesar de ir de encontro com os interesses capitalistas, o que torna essa tarefa um tanto quanto árdua, temos que nos reportar aos nossos valores de cidadãos e agir de forma racional e totalmente transparente, assim conseguiremos romper com a atual maneira imposta na gestão urbana onde o meio ambiente e o ser humano são secundários, sendo superados pelo grande interesse capitalista vigente na sociedade atual.

Diante dessa situação as cidades têm que ser um espaço democrático, onde todos os seus cidadãos tenham os mesmos direitos e deveres, tenham acesso a todos os benefícios. Mas, além dessa necessidade urgente e um pouco distante da nossa realidade é preciso uma gestão urbana participativa e inteligente, a sociedade tem que se integrar para pensar ações eficazes e ecologicamente corretas, sendo que, em algumas situações vão ter que abdicar de certos benefícios momentâneos para se ter uma cidade sustentável futuramente. Assim acreditamos que decisões inteligentes e democráticas reflitam numa melhor qualidade de vida para a população atual e para os seus descendentes.

Para se implantar um modelo sustentável na gestão urbana é preciso considerar a diferença entre crescimento e desenvolvimento, que erroneamente costuma se tratar como sinônimos. O termo crescimento é fácil de ser conceituado, pois se refere ao aumento, a elevação de determinado processo, como por exemplo, o crescimento populacional, ou seja, o aumento no

número de pessoas, pode se referir também a crescimento econômico, e ambos os tipos de crescimento provocará um maior uso dos recursos naturais que conseqüentemente agravará uma agressão direta ao meio ambiente, além de provocar um maior consumo de água, acentuando a crise já existente, e sobretudo, dentro da disponibilidade de recursos naturais do nosso planeta não há uma previsão otimista para a vida na Terra se predominar o ritmo de crescimento populacional atual.

Enquanto ao termo desenvolvimento trata de um progresso, uma evolução que ocorre, voltando ao exemplo demográfico, quando se cita o desenvolvimento populacional ou humano, traz a idéia de evolução qualitativa e não mais quantitativa como o no caso de crescimento, ou seja, o desenvolvimento humano quer dizer melhoria da qualidade de vida das pessoas, associado a uma melhoria das condições sócio-ambientais.

Depois de estabelecer uma definição de crescimento e desenvolvimento fica claro constatar que se trata de processos divergentes, onde suas repercussões sobre a sustentabilidade serão bastante diferentes. Haja vista que o crescimento, na mais variada análise, aumenta a demanda por mais recursos naturais e coloca de lado os valores humanos, que dentro do contexto do crescimento é secundário. A sustentabilidade torna se impossível de ser colocada em prática com a adoção de um modelo de crescimento.

Quanto se escolhe um modelo de desenvolvimento, a perspectiva é mais otimista, pois para se desenvolver é necessário controlar o crescimento e assim, há uma melhoria na qualidade de vida que passa primeiro por um desenvolvimento educacional de extrema valorização do exercício do pensar. Sendo assim, mudanças profundas ocorreram na escala de valores do ser humano que se tornará mais racional e sensível às questões ambientais. Pois o ser humano com um maior grau de conhecimento terá uma escala de valores diferenciada, onde há uma preocupação com a qualidade de vida das gerações futuras.

Conseguindo implantar esse novo modelo, a sustentabilidade estará próxima, lembrando que os recursos tecnológicos para tal já existem, e o que falta é a mudança no comportamento humano. Com o controle do crescimento demográfico e a implantação de uma política de desenvolvimento humano, principalmente educacional, com o ser humano definindo bem sua escala de valores, haverá um aproveitamento significativo dos recursos naturais, pois essas pessoas não permitirão o desperdício de nada que consumirem, além de estarem agindo sempre de forma racional, valorizando os talentos humanos, buscando novos modelos de pensar para contornar as dificuldades do mundo atual, contribuindo dessa forma, para a implantação do desenvolvimento sustentável.

Uma sociedade constituída nesse ideal terá uma qualidade de vida maior sem comprometer o meio ambiente já que se auto polícia, através da sua escala de valores, reduzindo o crescimento populacional e aumentando a disponibilidade de recursos naturais para as gerações futuras, tornando assim a sustentabilidade uma realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio de concentração populacional e o conseqüente aumento do consumo provocaram uma alteração bastante significativa na natureza, fazendo o homem a repensar seu comportamento junto ao meio ambiente. Exemplos dessa preocupação foram às cúpulas mundiais sobre Meio Ambiente realizadas em Estocolmo, Rio de Janeiro e Joanesburgo, respectivamente, nos anos de 1972, 92 e 2002. Porém, pouco se atingiu comparado com as metas previstas.

Diante desse quadro ambiental crítico que nosso meio se encontra, é imprescindível uma transformação na escala de valores e logo no comportamento humano. Assim, com pequenas mudanças podemos elevar a disponibilidade ambiental para varias gerações futuras proporcionando uma qualidade de vida duradoura, ou seja, a sustentabilidade.

Portanto, a gestão ambiental de uma cidade passa, primeiramente, por uma inserção maciça da sociedade, sem distinção alguma, assim a tomada de decisões, além de mais democráticas não

sobrecarrega o poder público de todas as responsabilidades. Objetivando assim, a integração do público, do privado e da sociedade na gestão do ambiental das cidades.

REFERÊNCIAS

- ALTVATER, Elmar. **O Preço da Riqueza: pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial**. São Paulo: Ed.Unesp, 1995.
- ASSIS, José Chacon de. **Brasil 21: Uma nova ética para o desenvolvimento – CREA – RJ**. Rio de Janeiro, RJ: 5ª edição, 2000.
- CASCINO, Fábio. **Educação Ambiental: princípios, história, formação de professores**. São Paulo: Editora SENAC-São Paulo, 1999.
- CASSETI, Valter. **Ambiente e Apropriação do Relevo**. São Paulo: Contexto, 1991. (Série: Caminhos da Geografia)
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. **A Rede Urbana**. São Paulo: Ática, 1989.
- CUNHA, Sandra B. & GUERRA Antônio T. **Geomorfologia e Meio Ambiente**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FEHR, Manfred. Disponível em: <http://www.manfred.triang.net/mg14.htm>. Acesso em: 15 mar. 2005.
- GONÇALVES, Carlos Walter P. **Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.
- HELMUT, Troppmair. **Biogeografia e Meio Ambiente**. 2ª ed. Rio Claro, S/P: Embrapa, 1985.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico de Montes Claros, Minas Gerais**. 2000.
- KLIASS, Rosa Grena. **Qualidade Ambiental Urbana**. 2ª Reunião do Clube das Idéias (Palestra do dia 23/01/1995) 2002. disponível em: www.idea.org.br/programas/02.doc.
- PÁDUA, José Augusto. **Produção Consumo e Sustentabilidade: o Brasil e o contexto planetário**. Rio de Janeiro: FASE, 2000.
- PEDRINI, Alexandre de G. Trajetória da Educação Ambiental. In PEDRINI, Alexandre de G. (Org.) **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. 5ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- PEDRINI, Alexandre de G.; DE-PAULA, Joel C. Educação Ambiental: críticas e propostas In PEDRINI, Alexandre de G (Org.) **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. 5ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- PEREIRA, Anete Marília. **Globalização e Meio Ambiente: o caso do Mercosul**. Belo Horizonte: IGC/UFMG, 1999 (Dissertação de Mestrado)
- SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SILVA, Carlos E. Mazzetto. **Desenvolvimento e Sustentabilidade Nos Cerrados: o caso do sertão norte-mineiro**. In Encontro Nacional da Rede Cerrado, Montes Claros/MG: 1999.